

TERAPIA DE FAMÍLIA COM ADOLESCENTES

GISELA CASTANHO
MARIA LUIZA DIAS
(ORGS.)



EDITORA
ÁGORA

TERAPIA DE FAMÍLIA COM ADOLESCENTES
Copyright © 2014, 2019 by autores
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Assistente editorial: **Michelle Campos**
Capa: **Buono Disegno**
Projeto gráfico: **Acqua Estúdio Gráfico**
Diagramação: **Santana**

Editora Ágora

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.editoraagora.com.br>
e-mail: agora@editoraagora.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3872-7476
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| Apresentação | 7 |
| PARTE I – REFLEXÕES TERAPÊUTICAS | 9 |
| 1 Terapia de família com filhos adolescentes e pais na meia-idade | 11 |
| <i>Gisela Castanho</i> | |
| 2 Psicoterapia de famílias com adolescentes: visão da psicologia analítica | 34 |
| <i>Nairo de Souza Vargas</i> | |
| 3 Famílias com filhos adolescentes: inquietações terapêuticas | 44 |
| <i>Maria Amalia Faller Vitale</i> | |
| 4 Autonomia versus pertencimento: uma interrogação | 53 |
| <i>Sandra Fedullo Colombo</i> | |
| 5 Psicodrama, família, adolescência e autoridade | 73 |
| <i>Dalmiro Manuel Bustos</i> | |
| 6 As sete fases da vida e a crise da adolescência: estudo da psicologia simbólica junguiana | 83 |
| <i>Carlos Amadeu Botelho Byington</i> | |
| 7 Terapia de famílias com filhos adolescentes: abordagem sistêmica | 101 |
| <i>Rosa Maria Stefanini de Macedo, Claudia Bruscagin e Marianne Ramos Feijó</i> | |
| PARTE II – RELAÇÕES FAMILIARES, CONJUGALIDADE E PARENTALIDADE | 123 |
| 8 Em primeira pessoa do singular: ouvir adolescentes | 125 |
| <i>Helena Maffei Cruz</i> | |
| 9 Violência entre irmãos na adolescência: abuso físico, moral e sexual | 139 |
| <i>Gisela Castanho</i> | |

| | | |
|----|---|------------|
| 10 | Perdas e ganhos | 166 |
| | <i>Suzanna Amarante Levy</i> | |
| 11 | Incestualidade materna e conflito adolescente | 176 |
| | <i>Sonia Thorstensen</i> | |
| 12 | Transmissão, herança e sucessão: identidade do adolescente e escolha profissional | 183 |
| | <i>Maria Luiza Dias</i> | |
| 13 | Famílias monoparentais: ponto de vista psicanalítico | 195 |
| | <i>Lisette Weissmann</i> | |
| 14 | Adolescência: recontrato da adoção | 204 |
| | <i>Rosana Galina</i> | |
| 15 | Desenvolvimento e conflito na família com filhos adolescentes: abordagem simbólico-arquetípica | 213 |
| | <i>Vanda Lucia Di Yorio Benedito</i> | |
| 16 | Filhos adolescentes e conflitos conjugais | 230 |
| | <i>Maria Regina Castanho França</i> | |
| | PARTE III – ADOLESCÊNCIA E CONTEMPORANEIDADE | 247 |
| 17 | Tempo, memória, adolescente e família | 249 |
| | <i>Ruth Blay Levisky</i> | |
| 18 | Adolescer em um mundo instantâneo: reflexão sobre os vínculos familiares na era tecnológica | 261 |
| | <i>Maria Luiza Dias</i> | |
| 19 | O contexto da adolescência no mundo atual | 273 |
| | <i>Maria Rita D'Angelo Seixas</i> | |

APRESENTAÇÃO

Este livro nasceu de um antigo desejo de escrever sobre famílias com filhos na adolescência – momento único e inesquecível no ciclo de vida familiar. O projeto está ancorado, principalmente, em nossa vivência como adolescentes, cujos horizontes se expandiam à medida que amadureciam as nossas habilidades sociais. Mais tarde, já como terapeutas de adolescentes, percebemos que estudar a família nos daria uma visão mais ampla de como lidar com os conflitos que o jovem trazia à sessão. Como supervisoras de jovens terapeutas, muitas vezes vimos o profissional ter receio da entrevista com pais de pacientes, por falta de preparo para lidar com forças que ele desconhecia e que escapavam de seu controle.

Ao sentirmos a importância da participação do sistema familiar na vida do adolescente que aceitava ajuda terapêutica e percebermos que, muitas vezes, era o vínculo com os pais que garantia a continuidade da terapia do filho, buscamos a teoria necessária para lidar com situações difíceis que surgiam em nossa prática – na clínica particular ou na instituição.

Somos otimistas em relação à experiência da passagem da família por essa etapa, pois a vemos como uma oportunidade de renovação das relações entre seus membros. Acreditamos que o processo de individuação adolescente tende a reformular até os sistemas familiares mais rígidos e que as intervenções feitas em uma terapia de família nessa etapa da vida podem proporcionar padrões de conduta mais construtivos.

A adolescência no mundo atual passa como um raio, mas um livro é eterno. Assim, pensando em dialogar com os terapeutas de família desta geração e das futuras, preparamos esta obra. Esperamos que ela promova uma reflexão sobre muitos temas contemporâneos, pelos quais são impactados o adolescente e sua família em um mundo aceleradamente construído.

Compartilhamos de Frota (2007) a ideia de que “a adolescência deve ser pensada além da idade cronológica, da puberdade e das transformações físicas que ela acarreta, dos ritos de passagem ou de elementos determinados aprioristicamente ou de modo natural”; ou seja, deve ser pensada como “uma categoria que se constrói, se exercita e se reconstrói dentro de uma história e tempo específicos” (*ibidem*). Nessa perspectiva, são possíveis múltiplas compreensões da adolescência. Também concordamos com a autora quando ela aponta que “os saberes são construídos de modo tímido, sabendo-se incompletos, precários e parciais” (*ibidem*), e estamos longe de propor que este livro

esgote as questões relacionadas com família e adolescência, tal como as construímos na pós-modernidade, em seus múltiplos significados. Além disso, desejamos que, de fato, ele extrapole a noção de senso comum, indicada por Frota, de que a família vê a adolescência como “aborrescência, rebeldia e atrevimento” (*ibidem*), pelo fato de o adolescente constituir-se um indivíduo “chato, difícil de lidar e que está sempre criando confusão e vivendo crises” (*ibidem*). Desse modo, buscamos levar o leitor para além da visão recorrente de que a adolescência é uma fase difícil para o adolescente e para quem convive com ele; ou da visão de que a adolescência é um “não lugar”, marcado por desenvolvimento descontínuo. Como apontam Silva e Soares (2001), “em um dado momento da vida o jovem passa por uma fase em que praticamente ‘não é’. Assim, ele não é tão novo para ter atitudes de criança, nem tão velho para ter atitudes de adulto”. Acreditamos que o adolescente tem um lugar, mesmo que este esteja em turbulência.

Esta obra é um convite à reflexão sobre o papel do terapeuta diante das famílias com adolescentes, estimulada por diferentes profissionais que abordam temas da atualidade. Está dividida em três partes: a primeira traz capítulos que tratam de família e adolescência do ponto de vista teórico de uma abordagem específica. A segunda focaliza as relações familiares em sua interface com a conjugalidade e a parentalidade, abordando temas específicos como o envolvimento da família com experiências de abuso físico, moral e sexual, a incestualidade e a adoção, além de assuntos como a escuta, perdas, ganhos e transmissão psíquica. A terceira apresenta temas relativos à família e à adolescência na contemporaneidade.

Em alguns textos há uma visão da terapia de família com adolescentes em abordagens teóricas amplas; em outros, aspectos específicos são contemplados. Os colaboradores são pensadores sagazes da área de terapia de família e aqui contribuem com teorias valiosas e relatos tocantes sobre o manejo técnico, ilustrando como fazer terapia de família com filhos adolescentes nos mais diversos sistemas terapêuticos. Desse modo, ofertamos ao leitor a oportunidade de mergulhar nos variados olhares e construir significações próprias em torno da reflexão sobre a família com adolescentes em um mundo que “se mexe” o tempo todo. Que a leitura deste livro represente um fecundo e criativo percurso!

GISELA CASTANHO E MARIA LUIZA DIAS

Referências

- FROTA, A. M. M. C. “Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção”. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 7, n. 1, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812007000100013&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 22 out. 2018.
- SILVA, A. L. P.; SOARES, D. H. P. “A orientação profissional como rito preliminar de passagem: sua importância clínica”. *Psicologia em Estudo*, v. 6, n. 2, Maringá, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v6n2/v6n2a16>>. Acesso em: 22 out. 2018.

PARTE I REFLEXÕES
TERAPÊUTICAS

1 TERAPIA DE FAMÍLIA COM FILHOS ADOLESCENTES E PAIS NA MEIA-IDADE

GISELA CASTANHO

Introdução

Adolescência e meia-idade são termos associados a crises na família. No entanto, pouco se escreve sobre esse sistema familiar, que inclui dois tipos diferentes de transformação: enquanto as da adolescência são rápidas e intensas, as da meia-idade estão associadas a questionamentos existenciais, ao excesso de trabalho e à preparação para a terceira idade. A ideia de escrever este capítulo veio da carência de produção científica brasileira sobre esse tema.

Por ser um fenômeno do desenvolvimento psicológico, social e cultural, a adolescência só é encontrada na espécie humana. Inicia-se com a puberdade, processo biológico que marca o final da infância. As diversas mudanças corporais que ocorrem a partir da puberdade abalam o jovem e sua família, que passa a conviver com um indivíduo que enfrenta adaptações na coordenação motora e aumento na força física, assim como adquire novas habilidades mentais. Emocionalmente, o adolescente amadurece – e, com isso, a família toda se transforma.

A maior parte das famílias com filhos adolescentes tem pais na meia-idade – aqui definida como a faixa entre 40 e 65 anos. A terapia do sistema familiar inclui o confronto entre as turbulentas transformações adolescentes e a aparente estabilidade da faixa etária parental. O adolescente cheio de esperanças tem a vida pela frente e luta para conquistar novos espaços de autonomia e responsabilidades, enquanto os pais deparam com urgências ligadas à realização profissional, com as exigências do tempo e com as dificuldades de negar o enfrentamento da velhice que se aproxima – junto com a inevitabilidade da morte. Com frequência, vemos pais e filhos convivendo com avós idosos que sofrem de doenças crônicas, o que sobrecarrega emocionalmente o sistema familiar.

Neste capítulo, pretendo revisar alguns conceitos ligados à adolescência, mostrar essa fase como um momento de júbilo pessoal e familiar pelas transformações e novas conquistas do jovem e discutir a família que inclui pais na meia-idade com filhos na ebulição da juventude. Trago também algumas contribuições ao manejo da terapia de família realizada nesse momento do ciclo de vida familiar, desenvolvidas ao longo de minha prática clínica.

Adolescência

Início da adolescência

A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera adolescente o indivíduo entre 10 e 20 anos de idade; porém, mesmo os que adotam tal definição reconhecem que esses limites são imprecisos (Saito, 2001).

A adolescência começa com a puberdade. Em torno dos 12 anos para os meninos e dos 10 aos 11 para as meninas, o sistema nervoso central (SNC) inicia o estímulo da atividade hormonal que desencadeia a puberdade. Disso resultam o aumento na produção dos hormônios sexuais, o desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários¹ e o amadurecimento de óvulos e espermatozoides (Castanho, 1988).

A chegada da puberdade está programada geneticamente, ou seja, é característica da espécie *Homo sapiens*, e não sofre influência da vontade da pessoa ou do meio socio-cultural em que ela está inserida. Castanho (1988, p. 15) define a puberdade como

um processo essencialmente hormonal, de maturação e crescimento, quando ocorrem as mudanças biológicas mais acentuadas do ciclo de vida humana. Já a adolescência é o processo psicológico e social que se inicia a partir da puberdade. [...] Sendo um processo biológico, a puberdade é universal e todo ser humano a atravessa de modo semelhante. Já a adolescência, por ser um fenômeno psicológico, depende de critérios sociais e culturais para ser definida. Sua duração varia de cultura para cultura. Cada povo tem sua maneira de ser adolescente.

No Ocidente, um traço típico da adolescência de classe média é seu “*status* de hiato” (Grupo para o Adiantamento da Psiquiatria, 1974): os jovens já não são considerados crianças e, apesar disso, não se espera deles que assumam posição no mundo adulto. Assim, eles têm alguns privilégios de adultos (dirigir aos 18 anos, por exemplo), mas

¹ Caracteres sexuais primários são aqueles que nascem com o indivíduo. Caracteres sexuais secundários são os que aparecem na puberdade: pelos, seios, menstruação, aumento do tamanho do pênis, mudança na forma do corpo e na força física, entre outros.

ninguém espera que tenham plenas responsabilidades nessa fase (como sustentar uma família). O *status* de hiato envolve aspectos frustrantes para os jovens mais amadurecidos, mas apresenta tentadoras satisfações para os mais acomodados, que prolongam sua adolescência. Alguns pais na meia-idade se exasperam com filhos acomodados, enquanto outros se satisfazem por perceber que ainda serão necessários por muito tempo, confundindo dependência com afeto.

Erik Erikson (*apud* Calligaris, 2000) foi o primeiro psicólogo a usar o termo “*mora-tória*” para falar do *status* de hiato da adolescência, quando escreveu *Identidade, juventude e crise*, em 1968. Segundo Calligaris, Erikson destacou que a problemática adolescente se tornava muito difícil de administrar, já que uma crise semelhante ameaçava afligir os adultos modernos quando a juventude se tornou mais valorizada socialmente. De acordo com Erikson, percebe-se, desde a segunda metade do século 20 – mais precisamente após a Segunda Guerra Mundial –, uma nostalgia dos adultos com relação à adolescência. De fato, a literatura e o cinema nos contam que tipo de adolescente os adultos gostariam de voltar a ser, de ter sido ou de continuar sendo.

Atualmente, nota-se que a adolescência é socialmente glorificada. Crianças e adultos querem ser jovens. A juventude foi alçada a um valor máximo, prestigiado e buscado por todos. A velhice e a sabedoria dela decorrente não são mais valorizadas na cultura ocidental, sendo substituídas pela beleza e pelo frescor da mocidade. Nesse contexto, pais sentem pesar por estarem na meia-idade e perderem a aparência jovial em uma sociedade que cultua a juventude.

A idade mais valorizada socialmente é o final da adolescência, quando se tem o máximo de liberdade com o mínimo de responsabilidades. A idealização envolve os 18 anos, quando se diz que as pessoas têm a vida pela frente e todas as potencialidades a ser desenvolvidas, podendo fazer o que quiserem. No entanto, não é fácil ter essa idade, pois tudo está por ser conquistado; a tarefa é grandiosa e há muita angústia e ansiedade com relação ao porvir.

Aqui questiono: diante de tanta valorização da juventude, por que os jovens não de querer amadurecer e se tornar adultos se muitos adultos fazem o possível para parecer jovens, vestindo-se e comportando-se como adolescentes? Isso é típico em alguns adultos após separações conjugais, quando os recém-descasados, com alguma frequência, passam por uma fase de buscar a todo custo retomar a vida a partir de uma fase anterior ao início do casamento, como se fosse possível voltar no tempo para reescrever a própria história.

Segundo Calligaris (2000), a infância dura 12 anos; nesse período, a criança aprende todos os usos e costumes da sociedade em que vive: da linguagem ao entendimento de valores mais complexos. Ela aprende que, como adulto, é importante se sobressair e